

A necessidade não é a verdade em todos os mundos possíveis¹

Necessity is not truth in all possible worlds

Rodrigo Reis Lastra Cid
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Meu objetivo neste texto é apresentar um argumento pela ideia de que a necessidade tomada como a verdade em todos os mundos possíveis, sem mais restrições, nos leva a uma contradição. Se não quisermos aceitar a contradição, teremos que resolver o dilema de ou aceitar que tudo que pensamos ser contingente é necessário, ou que não podemos traduzir algumas sentenças – ao menos as indexicalizadas a mundos – para o vocabulário dos mundos possíveis. Temos a intuição – e desenvolvemos um argumento por ela – de que se “P”, avaliada em w^* , é uma verdade contingente, não pode ser o caso de que “P em w^* ” seja uma verdade necessária. Em linhas gerais, o argumento tenta mostrar que é o mesmo fato que faz verdadeira tanto “P”, avaliada em w^* , quanto “P em w^* ”, e que é também o mesmo fato contingente P que torna tanto “P”, avaliada em w^* , quanto “P em w^* ”, avaliada em qualquer mundo, contingente. E, se supomos que “P em w^* ” é necessária, teríamos que supor que o fato que a faz verdadeira é também necessário, o que seria contraditório com o fato que faz “P” verdadeira em w^* , se aceitarmos que o que faz verdade tanto “P” em w^* quanto “P em w^* ” é o mesmo fato. Realizarei este objetivo apresentando um argumento que se divide em

1 - Agradeço ao filósofo Rodrigo Figueiredo pelas proficuas discussões, sem as quais este texto não teria sido escrito.

duas partes, uma que tenta derivar a contradição e outra que tenta mostrar que não há diferença relevante nas sentenças indicadas, mostrando como surge o dilema em causa e respondendo algumas possíveis objeções. Este objetivo é importante, pois o vocabulário dos mundos possíveis é o vocabulário padrão para tratarmos as modalidades da necessidade e da possibilidade. E, se tal vocabulário tem uma falha, é importante que a identifiquemos e que também a consertemos, o que é exatamente o que pretendemos fazer, ao final do texto, quando sugerirmos uma restrição na noção de necessidade, a saber, a necessidade como a verdade nativa em todos os mundos possíveis, que salvaria o vocabulário dos mundos possíveis da objeção aqui apresentada.

Palavras-Chave

Necessidade, Vocabulário dos Mundos Possíveis, Metafísica da Modalidade.

Abstract

My main purpose in this article is to present an argument for the idea that necessity qua truth in all possible worlds, without other qualifications, leads us to contradiction. If we do not want to accept the contradiction, we will face a dilemma: or accepting that everything we take as contingent is in fact necessary, or accepting that we cannot translate some sentences – at least the indexed to worlds sentences – to the possible worlds vocabulary. We have an intuition – and we develop an argument for it – that if “P”, evaluated in w^ , is a contingent truth, so it cannot be the case that “P in w^* ” is a necessary truth. Generally, the argument tries to show that “P”, evaluated in w^* , and “P in w^* ” are made true by the same contingent fact. If we suppose that “P in w^* ” is necessary, we would have to suppose that the fact that makes it true is also necessary, which would be contradictory with the fact that makes “P” true in w^* , if we accept that what makes “P” in w^* and “P in w^* ” true is the same fact. I attain such an aim by presenting an argument that is divided in two parts, one to imply the contradiction and the other to show that there is no relevant difference between the indicated sentences, by showing how the dilemma arises, and by answering some possible objections. This is an important objective because the possible worlds vocabulary is the default vocabulary to treat the modalities of necessity and possibility. And if it is flawed, it is important that we identify the flaw and fix it – which is exactly what we intend to do at the end of this article, by suggesting some qualification at the necessity notion, that the necessity is the*

native truth in all possible worlds. And this would save the possible worlds vocabulary from the presented objection.

Key-Words

Necessity, Possible Worlds Vocabulary, Modal Metaphysics.

O Argumento^{2*}

Parte I

1. Sócrates toma cicuta em w_1 .
2. “Sócrates toma cicuta” é uma verdade contingente, pois é verdade em w_1 que “Sócrates toma cicuta” e há pelo menos um mundo possível diferente de w_1 no qual “Sócrates não toma cicuta” é verdade.
3. “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é uma verdade necessária, pois “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é verdade em todos os mundos possíveis.
4. Mas se “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é verdade em todos os mundos possíveis, então “Sócrates não toma cicuta em w_1 ” é falso em todos os mundos possíveis.
5. Mas se é falso em todos os mundos possíveis que “Sócrates não toma cicuta em w_1 ”, então “Sócrates não toma cicuta em w_1 ” é impossível.
6. Logo, “Sócrates não toma cicuta em w_1 ” é impossível.
7. Logo, é impossível que Sócrates não tome cicuta em w_1 .
8. Mas se for impossível Sócrates não tomar cicuta em w_1 , então é necessário que Sócrates tome cicuta em w_1 .
9. Se for necessário que Sócrates tome cicuta em w_1 , então não é contingente que

2 - Para facilitar a exposição e compreensão do argumento, suponha o sistema modal S5.

Sócrates tome cicuta em w_1 .

10. Mas “Sócrates toma cicuta”, avaliada em w_1 , é uma verdade contingente.
11. Se “Sócrates toma cicuta” é uma verdade contingente, então “Sócrates não toma cicuta” é uma falsidade contingente.
12. Mas se “Sócrates não toma cicuta” é uma falsidade contingente, então “Sócrates não toma cicuta” é possível.
13. Logo, “Sócrates não toma cicuta” é possível.
14. Mas se “P” é possível, “P” não é impossível.
15. Logo, “Sócrates não toma cicuta” não é impossível.
16. Se “P” não é impossível, então “P” em w^* não é impossível.
17. Se “P” em w^* não é impossível, então “P em w^* ” não é impossível.
18. Logo, “Sócrates toma cicuta em w_1 ” não é impossível.
19. Contradição encontrada em (06) e (18).

Parte II

20. “Sócrates toma cicuta” é verdadeira sse Sócrates toma cicuta no mundo em que se avalia.
21. “Sócrates toma cicuta” avaliada em w_1 é verdadeira sse Sócrates toma cicuta em w_1 .
22. “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é verdadeira sse Sócrates toma cicuta em w_1 .
23. “Sócrates toma cicuta”, avaliado em w_1 , é contingente sse é um fato contingente, em w_1 , que Sócrates toma cicuta.
24. “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é contingente sse é um fato contingente que Sócrates toma cicuta em w_1 .
25. Se é um fato contingente que Sócrates tome cicuta em w_1 , então nem a proposição que expressa esse fato, a saber, “Sócrates toma cicuta em w_1 ”, e nem a proposição incompleta avaliada num mundo que expressa esse fato, a saber “Sócrates toma cicuta” avaliada em w_1 , são necessariamente verdadeiras.

Sobre o Argumento

O que parece gerar a contradição – encontrada em (06) e (18) – nesse argumento é a aceitação de que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é uma verdade necessária, ao mesmo tempo que se aceita que “Sócrates toma cicuta”, avaliada em w_1 , é uma verdade contingente. O que nos faria dizer que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é necessária seria a nossa aceitação acrítica de que a verdade em todos os mundos possíveis é a necessidade. Pensamos que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é uma verdade necessária, pois em qualquer mundo possível em que essa frase for avaliada, ela será verdadeira, se Sócrates tomar cicuta em w_1 . Porém, não temos razões independentes do uso do vocabulário para aceitarmos que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” seja necessária. Se “Sócrates toma cicuta em w_1 ” for feita verdadeira pelo fato de que Sócrates toma cicuta em w_1 , então “Sócrates toma cicuta”, avaliada em w_1 , será feita verdadeira pelo mesmo fato, a saber, o fato de Sócrates tomar cicuta em w_1 . Se isso for o caso, como são os fatos que são necessários ou contingentes e que, assim, tornam as proposições necessárias ou contingentes, não pode ser o caso de o mesmo fato tornar uma proposição que o expressa necessária, enquanto torna outra proposição (ou a mesma) que o expressa contingente.³

Na verdade, é argumentável que temos razões independentes do vocabulário dos mundos possíveis para aceitar que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é necessária. De fato há duas razões principais para aceitarmos tal coisa: (i) a aceitação do determinismo e (ii) a definição de “mundos possíveis” como conjuntos de proposições. Pretendemos mostrar que ambas essas razões têm problemas bastante difíceis de lidar, e que podemos aceitar uma solução mais simples, que consiste numa restrição da noção de necessidade como a verdade em todos os mundos possíveis.

Se aceitarmos o determinismo, poderemos dizer que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é necessária sem preocupação com a contingência de “Sócrates toma cicuta” avaliada em w_1 . Isso porque “Sócrates toma cicuta”, avaliada em w_1 , não seria contingente, dado o determinismo remover todas as possibilidades que não as que ocorrem no mundo em causa. O problema de seguir por este caminho é que teríamos aceitado uma tese metafísica bastante debatida para podermos preservar o vocabulário dos mundos possíveis. Se quisermos falar modalmente (ou, pelo menos, ter um vocabulário esclarecedor para falar modalmente) e sermos neutros com relação à verdade do determinismo, continuando a pensar que a necessidade consiste da verdade em todos os mundos possíveis, não poderemos dizer que “Sócrates toma cicuta”, avaliada em w_1 , é contingente sem cair na contradição exposta. E, se quisermos realmente

3 - Falamos aqui de fatos, pois esse termo facilita a discussão. Poderíamos, em vez dele, ter usado o termo “verificador” (*truthmaker*).

aceitar que tais frases indexicalizadas a mundos – como “Sócrates toma cicuta em w_1 ” – são necessárias, teremos que aceitar que muitas das proposições / sentenças / proferimentos (se não todos) que tomamos como contingentes são de fato necessários, pois para qualquer proposição / sentença / proferimento contingente “P” pronunciado no mundo atual, podemos aplicar o operador “ w^* ” e formar “P em w^* ”, que será verdade em todos os mundos possíveis (ou seja, necessário) em que for analisado, se P em w^* .

Outra razão para pensarmos que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é necessária, se for verdadeira, é que podemos tomar os mundos como conjuntos de proposições. Se fizermos isso, dado os conjuntos conterem necessariamente os membros que contêm (afinal se um conjunto tivesse outros membros, seria outro conjunto, e não ele mesmo), então um mundo no qual Sócrates de fato tomou cicuta será um mundo no qual será necessário, em algum sentido, que Sócrates tome cicuta. Pois se Sócrates não tivesse tomado cicuta num certo mundo, tal mundo não seria o mundo no qual ele de fato tomou cicuta, já que o mundo no qual ele tomou cicuta é definido por, entre outras coisas, ser o mundo no qual Sócrates tomou cicuta.⁴

Não foi à toa que marcamos em itálico no parágrafo acima o “em algum sentido”. Se dissermos que os mundos são definidos como conjuntos de proposições, então dada a teoria dos conjuntos, os mundos têm necessariamente os fatos (ou as proposições verdadeiras) que têm. Há dois problemas com essa ideia. Um deles é que esse algum sentido do “necessariamente” não pode ser reduzido ao vocabulário dos mundos possíveis. Pois se tentássemos fazer isso, teríamos que falar que em todos os mundos possíveis (acessíveis a w_1 , caso rejeitemos S5) é verdade que Sócrates toma cicuta em w_1 e que, portanto, isso é necessário, ou seja, não poderia não acontecer de Sócrates tomar cicuta em w_1 . Mas se esse for o caso, não conseguiremos compatibilizar que não poderia não ser o caso de Sócrates tomar cicuta em w_1 com poder ser o caso em w_1 Sócrates não tomar cicuta. Quer dizer, poderíamos ainda dizer que “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é verdadeira em todos os mundos, enquanto “Sócrates toma cicuta” não é; e que, assim, uma poderia dar conta do que queremos dizer com esse algum sentido de “necessariamente” aplicado a conjuntos, enquanto outra daria conta do nosso uso cotidiano do “contingentemente”. Isso não funciona, pois, como tentamos mostrar no argumento, é o mesmo fato⁵ que faz verdadeiro tanto “Sócrates toma cicuta” avaliada em w_1 , quanto “Sócrates toma cicuta em w_1 ”, e são os fatos (ou os veridadores) que são o fundamento da modalidade aléctica das proposições.

Assim, se houver realmente o problema que indicamos, o que o utilizador do vocabulá-

4 - Agradeço essa objeção ao Guido Imaguire, ao Marco Ruffino e ao Iago Bozza.

5 - Ou o mesmo verificador, no caso de rejeitarmos uma ontologia de fatos.

rio dos mundos possíveis tem em mãos agora é um problema sério: (i) ou ele abandona o vocabulário dos mundos possíveis ao tratar das modalidades aléticas, (ii) ou ele continua utilizando-o e se compromete com a tese de que muitas ou todas as proposições / preferimentos / sentenças são necessárias, (iii) ou ele tenta avançar uma explicação compatibilista que nos mostre como pode ser o caso de “P em w^* ” ser necessário enquanto “P”, avaliada em w^* , é contingente, (iv) ou faz algum tipo de modificação semântica no vocabulário de modo a sanar o problema aqui apresentado. As três primeiras saídas são problemáticas. Abandonar o vocabulário impedi-lo-ia de utilizar toda a clareza conceitual e os instrumentos semânticos que o vocabulário dos mundos possíveis poderia trazer, principalmente no que diz respeito às modalidades iteradas. Falar que muitas ou todas as proposições / preferimentos / sentenças são necessárias é uma tese por demais substantiva para a aceitarmos por causa do uso de um vocabulário; além, é claro, do fato de que é, no mínimo, inadequado asserir a tese modal do determinismo antes de ter um vocabulário modal apropriado. Por sua vez, avançar uma explicação compatibilista seria a melhor opção para a manutenção do status quo; contudo, o problema é que não vislumbramos nenhuma maneira de fazer isso, já que, com o argumento apresentado, intentamos mostrar justamente que há uma incompatibilidade em jogo. Por isso, pensamos que devemos realizar uma modificação semântica no âmbito da necessidade de modo que o problema não se apresente – o que tentaremos fazer no final deste artigo.

Uma outra solução possível é sustentar que não é permissível analisar o valor modal de expressões como “Sócrates toma cicuta em w^* ”, pois esse tipo de proposição seria meramente teórica, e não parte do nosso discurso modal cotidiano. Uma resposta que daríamos a isso é dizer que não é claro como o nosso discurso modal cotidiano vem a se tornar relevante para a discussão. Estamos tratando de uma semântica da modalidade, seja ela utilizada pelas pessoas no cotidiano, ou pelos filósofos e cientistas.

Seria ainda objetável que pedir uma análise modal de frases como “Sócrates toma cicuta em w_1 ” seria como pedir uma análise lógica para “existe x e existe y, tal que x é Sócrates e y é o mundo w_1 , x está em w_1 e x toma cicuta em w_1 ”. Estas frases são as análises de outras frases. “Sócrates toma cicuta em w_1 ” é parte da análise de frases como “é contingente que Sócrates tome cicuta”, que em sua completude e supondo que w_1 é o mundo actual, seria: “Sócrates toma cicuta em w_1 e Sócrates não toma cicuta em w^* , para w^* diferente de w_1 ”. Assim, tanto quanto não é legítimo perguntar pela análise lógica de “existe x e existe y, tal que x é Sócrates”, não seria legítimo perguntar pelo valor modal de “Sócrates toma cicuta em w_1 ”. Essa é uma objeção que pensamos ser muito poderosa. E pensamos que talvez ela mostre que seja legítimo abandonar a avaliação modal desse tipo de frase. Com isso, preservaríamos a necessidade como a verdade em todos os mundos possíveis. No entanto, estaremos

privados de avaliar o valor modal de diversas outras proposições, como “a totalidade dos mundos possíveis poderia ser diferente da que é”, “poderia haver menos mundos possíveis do que há”, entre outras, já que “mundos possíveis” é um termo meramente teórico, que somente faz parte da análise modal de frases modais que não tratam de mundos possíveis. Aceitar tal coisa nos impedirá de ter discussões muito profícuas sobre a natureza modal dos mundos possíveis.

É possível, entretanto, uma outra solução. Podemos reformular a definição da necessidade de uma outra forma que não caia no problema aqui exposto. Adquirimos conhecimento dessa forma através de Nozick (2001), que define a necessidade, para fugir de um problema semelhante ao que aqui expomos, como a verdade nativa em todos os mundos possíveis acessíveis a w^* , e através de Edgington (2004), que define dois conceitos de necessidade, sendo um deles, a necessidade², extensionalmente idêntico ao de Nozick e definida por ela assim (p. 17, tradução): “ p é necessário² se, e apenas se, para qualquer mundo que tomemos como o mundo atual, é atualmente verdade que p ”.

Uma verdade é nativa, para Nozick, quando não é importada de outro mundo. E uma verdade é importada de outro mundo quando é verdadeira em um mundo em virtude de fatos de outro mundo. Isso evita que as verdades indexicalizadas a mundos sejam tomadas em conta quando pensamos sobre a necessidade; e, assim, salva o vocabulário dos mundos possíveis da objeção aqui apresentada. Essa solução parece mais adequada, pois não nos restringe de avaliar o valor modal de expressões que nos pareçam interessantes de serem avaliadas e porque não nos fornece intuições incompatíveis sobre a avaliação modal dos fatos. Esperamos, finalmente, com as razões aqui apresentadas, termos fornecido as motivações necessárias para abandonarmos a noção de necessidade como a verdade em todos os mundos possíveis e, talvez, algumas motivações para aceitarmos, como Nozick, que a necessidade, dentro do vocabulário dos mundos possíveis, deve ser vista como a verdade nativa em todos os mundos possíveis.

Referências

DIVERS, John (2002). *Possible Worlds*. 2ª ed. Oxon: Routledge.

EDGINGTON, D. (2004). “Two kinds of possibility”. Supplement to the Proceedings of The Aristotelian Society : vol. 78, n. 1, pp. 1-22. Tradução por Rodrigo Cid, In: *Investigação Filosófica*: vol. 2, n. 1, artigo 4.

NOZICK, Robert (2001). "Necessity and Contingency". In: *Invariances: the structure of the objective world*. Cambridge: Harvard University Press, pp. 120-168.

LEWIS, David (1986). *On the plurality of worlds*. Oxford: Basil Blackwell.